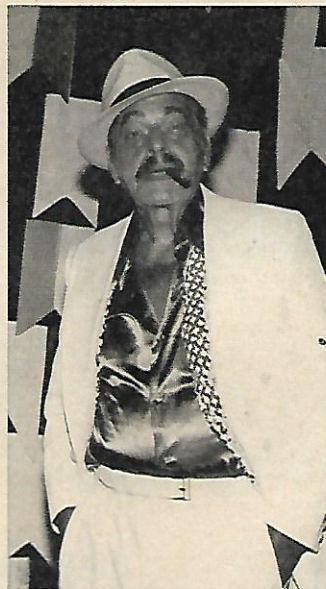


CRÍTICA

RIO DE JANEIRO, 6 DE JULHO DE 1979.

Um rei que leva a marca de Dias Gomes

DEIXEI passar um bom tempo para depois assistir ao **Rei de Ramos**, e foi uma grande surpresa. Numa época em que estamos carente de bons espetáculos, finalmente, parece que estamos no caminho certo, embora falte muito a percorrer. **O Rei de Ramos** é a novela **Bandeira Dois** no teatro e mais sofisticada. Isso não diminui em nada o valor do musical. Atualmente temos em cartaz dois musicais. Um deles é **o Rei** e o outro é **Lola Moreno**. O jogo que Dias Gomes faz com os seus personagens é incrível. As tramas se interligam e são altamente valorizadas pela presença de Paulo Gracindo, que de Tucão passou a Mirandão, e Felipe Carone, que de Jovelino Sabonete passou a Brilhantina. Dias mantém o mesmo ritmo e não permite que o espectador perca a atenção sobre o que acontece no palco. Ele, com todo o seu sarcasmo, retrata a luta de um banqueiro de bicho da zona sul com outro da zona norte. Independente disso, os filhos de ambos iniciam um romance, desconhecendo a origem de cada um. Seria um **Romeu e Julieta** atual com desfecho diferente, pois eles acabam se unindo e fundam uma multinacional do bicho. O teatro possibilitou a Dias abordar determinados assuntos que a TV não permitiu. Aí é que percebemos o quanto tem de novo e interessante. Problemas sé-



rios são discutidos e a realidade brasileira mostrada sem máscaras. O diretor Flávio Rangel é um dos que tem mais experiência em termos de musical no Brasil. Depois de dirigir **O Homem de La Mancha** e **Pippin** que foram sucessos internacionais, ele reaparece com **O Rei de Ramos**, que sendo um produto brasileiro, não fica nada a dever. É certo que no exterior, para melhor dizer, os Estados Unidos/Nova Iorque e Londres, a dedicação a esse tipo de espetáculo é maior, pois além de serem dotados de possibilidades financeiras, o são tam-

bém de sucessos artísticos. O problema do musical no Brasil consiste, além da verba, na procura de atores que saibam ao mesmo tempo interpretar, cantar e dançar. Infelizmente aqui é pedir muito. Podemos selecionar quatro ou cinco, mas nunca chegaremos a um elenco de dezoito pessoas como é o caso de **A Chorus Line**, ou mais ainda em **Annie**. A divisão, então, se faz sentir de maneira profunda. O ator interpreta, o bailarino dança e o cantor canta. Quanto ao **O Rei de Ramos**, tirando Paulo Gracindo e Felipe Carone, temos Marília Barbosa, Carlos Koppa, Márcio Augusto, Roberto Azevedo (outro bom destaque) e Deoclides Gouvea. Vendo-se o espetáculo, notamos que cantam, dançam e interpretam. Não posso deixar de mencionar a participação de Leina Krespi que, também, sabe se manter no palco e eleva a peça. No que diz respeito às músicas, elas estão perfeitas. Com letra de Chico Buarque e música de Francis Hime, elas transmitem todo o clima humorístico e apaixonante que se encaixam muito bem na peça. Sobressai, também, o corpo de baile, embora perceba-se que em certas coreografias eles se perdem devido à falta de atenção no trabalho conjunto. Cada um pensa em si. É um espetáculo que, com as opções oferecidas pela noite carioca, deve ser assistido.

Édson Pinto